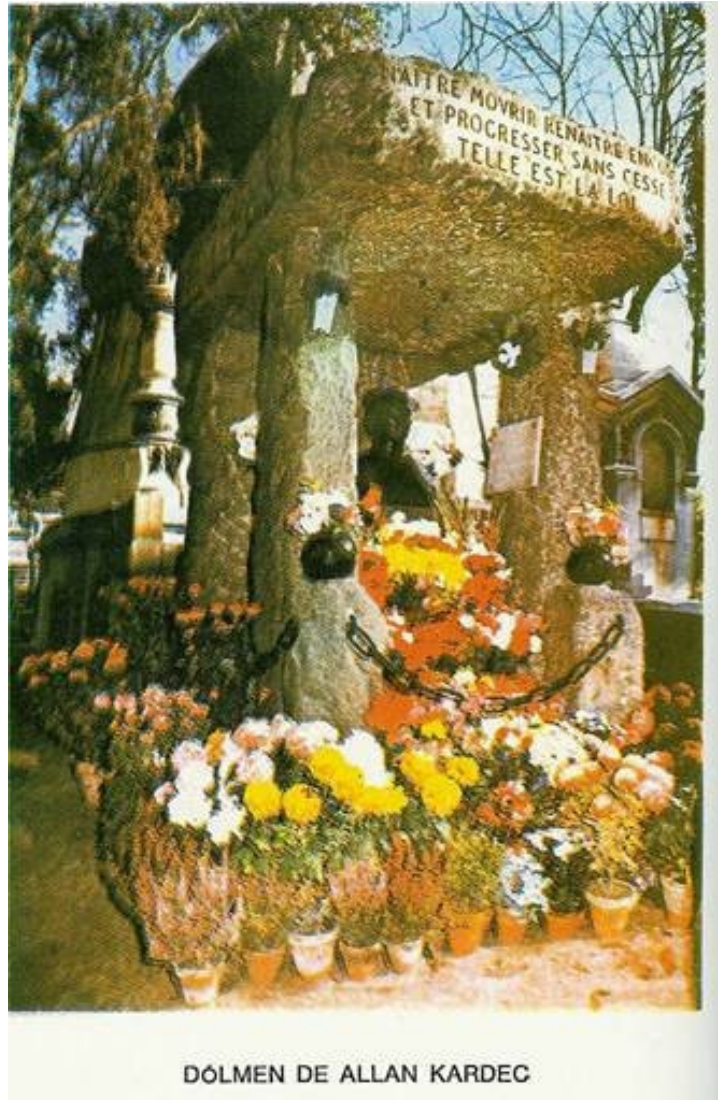


Descrição do monumento druídico

Zêus Wantuil



O dólmen de Kardec, simples e severo em suas linhas, é constituído de três moles de granito bruto em posição vertical (esteios), sendo duas pilastras na frente (33) e uma laje atrás, sobre as quais repousa uma quarta pedra tabular (mesa ou chapéu) em suave declive para trás, de modo a delimitarem, todas elas, um espaço (câmara), de cujo centro se eleva um pedestal quadrangular, em granito liso, no topo do qual está colocada a herma, em bronze, de Allan Kardec, quase em tamanho natural; executada por Capellaro. No pé desta herma foi entalhado, de fora a fora, o nome ALLAN KARDEC; lateralmente, à direita, acha-se a assinatura do escultor e, entre parênteses, o ano 1870.

Na face dianteira do referido pedestal, lêem-se as seguintes inscrições:

FONDATEUR
DE LA PHILOSOPHIE SPIRITE

TOUT EFFET A UNE CAUSE TOUT EFFET INTELLIGENT A UNE CAUSE
INTELLIGENTE LA PUISSANCE DE LA CAUSE EST EN RAISON DE LA GRANDEUR
DE L'EFFET

3 OCTOBRE 1804
31 MARS 1869

No bordo frontal da pedra que, pesando seis toneladas, serve de teto, acha-se gravado o apotegma (dito sentencioso de pessoa célebre) que resume a trina kardequiana, de justiça e progresso:

NAÎTRE, MOURIR, RENAÎTRE ENCORE
ET PROGRESSER SANS CESSÉ
TELLE EST LA LOI

Esta inscrição faltava à época da inauguração, tendo sido esculpida ainda em 1870(34) Jean Vartier, que parcialmente biografou Kardec (35), escreve que ela fora calcada no capítulo IX da primeira parte da obra "Die Wandtschaften", de Johann Wolfgang von Goethe.

Vartier baseou-se na tradução francesa de Camille Selden, pseudônimo de Elise Krinitz, publicada em Paris, s. d., com prefácio datado de janeiro de 1872. De fato, na referida tradução - "Les affinités électives" à página 78, há referência a uma casa cujos fundamentos seriam então lançados. Na solenidade, um pedreiro (maçom), com o martelo numa das mãos e a colher na outra, procurou em pequeno discurso dizer que o edifício a ser levantado seria um dia destruído, acrescentando: "Naître pour mourir,. mourir pour renaître, telle est Ia loi universelle. Les hommes y sont soumis, à bien plus forte raison leurs travaux".

O Sr. Vartier, com aquele seu apressado e mordente espírito crítico, deveria ter estudado mais a fundo o assunto. Descobriria, então, que no original alemão não há aquela frase, tal como está em francês; que a tradução francesa, feita com certa liberdade por C. Selden, fora publicada posteriormente a janeiro de 1872, mais de um ano após ter sido gravado o apotegma em questão no dólmen de Kardec; que, se houve plágio (como o Sr. Vartier quis insinuar), este partiu do tradutor.

Não acreditamos, porém, em plágio de quem quer que seja. A frase em foco andava no ar, não é de Kardec, como pretendem alguns, e pode ser encontrada, com algumas variantes, em citações bem anteriores à desencarnação de Kardec, como, por exemplo, na obra "Clé de Ia Vie", de Louis Michel, organizada por C. Sardou e L. Pradel, editores, Rue du Hassard, 9, Paris, datada de 1º de agosto de 1857, p. 570:

"Saturées de l'aimant divin, de l'amour divin, des provisions divines de toute nature, les âmes solaires, par cet aimant, par cet amour, par tous ces divers agents célestes, font naître, vivre, circuler, évoluer, mûrir, se transformer, monter au chemin ascendant, leurs soleils et leurs planètes, et, par les âmes de ces dernières, font jouir des mêmes avantages la plus obscure image de Dieu elle-même, l'homme, resté, encore, en dehors de l'unité; des qu'il consent à s'y prêter un peu".

Em discurso pronunciado na presença de Kardec, no dia 14 de outubro de 1861, na Reunião Geral dos Espíritos de Bordéus, o Sr. Sabô disse textualmente:

"...pour aller à lui, faut naître, mourir et renaître jusqu'à ce qu'on soit arrivé aux limites de la perfection". ("Revue Spirite", 1861, p. 331.)

Veamos também estas duas frases:

"Tout, tout, dans cette grande unité de la création, existe, naît, vit, fonctionne et meurt et renaît pour l'harmonie universelle".

"(...) il faut naître, mourir et renaître jusqu'à ce que l'on soit parvenu aux limites de la perfection".

Estão elas em "Les Quatre Évangiles", J.-B. Roustaing, Tome Premier, Paris, Librairie Centrale, 24, Boulevard des Italiens, 1866, às páginas 191 e 227, respectivamente. (Em português - "Os Quatro Evangelhos", às páginas 191 e 227 correspondem, respectivamente, as de números 305 e 339, também do I volume -5ª edição, FEB, 1971.

Notemos que a frase é substancialmente a mesma, sob várias formas, sempre, porém, com o mesmo sentido, em 1857, 1861, 1866 e finalmente em 1870, quando foi insculpida no frontispício do dólmen de Kardec, em três linhas:

NAÎTRE, MOURIR, RENAÎTRE ENCORE
ET PROGRESSER SANS CESSÉ
TELLE EST LA LOI

Terá sido por tudo isso que o Espírito Emmanuel a atribui não a um ser humano em particular, mas sim ao Espiritismo. Com efeito, diz ele, na página intitulada "Problema conosco", inserta no livro "Justiça Divina" (F. C. Xavier, 3ª edição FEB, 1974, p. 84):

E o Espiritismo acentua: "Nascer, viver, morrer, renascer de novo e progredir continuamente, tal é a lei".

Nota-33 Na face dianteira de cada uma dessas pilastras, e bem junto a elas, há uma espécie de contrapilastra, de pequena altura. Ligando estas últimas, bem assim as partes laterais do dólmen, estende-se uma corrente de grossos elos de bronze.

Nota-34 "Discours prononcés pour l'anniversaire de la mort Allan Kardec. Inauguration du monument", Paris, à la Librairie 'aire, 1870, pp. 7/8. Neste opúsculo foi anexada uma estampa do dólmen de Kardec, "executada (executée) com a mais rigorosa exatidão pelo Sr. Pégard, gravador, conforme feito pelo Sr. Seville" (pp. 11 e 12).

Pégard, gravador em madeira, da Escola francesa, fez as gravuras do "Dictionnaire d'architecture" de Viollet-le-Duc e as da populaire, anecdotique e pictoresque de Napoléon". (Apud E. "Dictionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et : nouvelle édition, tome sixieme, Librairie Grund, 1966, p. 571;)

Nota-35 Jean Vartier: "ALLAN KARDEC, la naissance du spiritisme", Paris, Librairie Hachette, 1971, pp. 150/151.

(do livro Allan Kardec - Pesquisa Bibliográfica e Ensaio de Interpretação de Zêus Wantuil e Francisco Thiessen Volume III, pág. 139; 1ª edição)